

Mauro e Wilson

ESTA quinzena ficou marcada pela entrega deles decretada pelo Tribunal.

Os dois irmãos vieram pequeninos e cresceram connosco até aos 11 e 9 anos, respectivamente. Vieram da Falagueira onde as *Criaditas dos Pobres* consomem, há muitos anos, suas vidas aliviando desgraças que as cercam, ali como em todos os lugares onde estão. Curiosamente as *Criaditas* nasceram em Coimbra, na Rua da Ilha, e em todo o lado são ilhas rodeadas pelo mar da Miséria, fértil em muitas espécies que nela têm o seu habitat. Foram as *Criaditas* que deram o alarme quando souberam dos pequenos em casa de uma tia-avó a quem a mãe os deixara na ocasião de um dos seus vários desaparecimentos — e a tia não os podia ter.

Averiguou-se o caso. A casa da tia era um pequeno mundo repleto de *refugiados* e na verdade ela não os podia ter. A mãe, mestiça clara, esbelta, bem falante, viera de Angola trazida pela família que a criou e lhe deu estudos — família que ela

abandonou em troca de uma vida de aventura e irresponsabilidade.

Os meninos vieram. O Wilson era então o mais novo dos nossos «Batatinhas». Na sua cédula não consta o nome do pai. Mas tem-no, é claro, e é, justamente, o que consta na cédula do Mauro. Foi assim: A mãe estava grávida do Mauro quando se juntou àquele homem. Certamente em fase de amores incandescentes, ele resolveu perfilhar a criança que entretanto nasceu. Algum tempo depois, deixou-a, grávida do Wilson. Mas a este, nem ele nem apareceu qualquer outro generoso que lhe desse nome paterno.

Os meninos vieram e cresceram. O Mauro começará em Setembro o quinto ano e deveria ser o sexto, não fora a preguiça, que não a falta de capacidade. O Wilson vai frequentar a quarta-classe. Durante estes anos a mãe visitava-os com longos meses de intervalo, sempre visitas rápidas, que mais tempo não lhe dariam os acompanhantes, condutores de belos carros. E sempre prometia visita mais

demorada, para breve. Cheguei eu próprio a dizer-lhe: «Então venha mesmo, não iluda os pequenos. Venha um dia e fique para o outro já que vem de longe». Mas eu já não me lembro de a ter visto, posto tenha sabido de duas das tais visitas rápidas no entretanto.

Agora veio o decreto judicial fundado em relatório social que — suponho — a apresentará em condições de receber os filhos. Suponho... porque nada nos foi dito nem perguntado acerca das ditas condições. E que condições?... Só de natureza económica? E que garantia de estabilidade têm elas, mesmo só as económicas? E acaso são elas o mais importante e esgotarão as necessidades dos pequenos?

Penso que depois de termos recebido o Mauro e o Wilson do abandono em que se encontravam e deles

Continua na página 4

SETÚBAL

Esperança

VEIO para nós o Tiago. Só pela muita insistência de senhora assistente social, o fui conhecer ao interior do Alentejo, onde vivia. Não pelos vícios adquiridos, mas pela sua idade, quinze anos, estive renitente em pôr a hipótese de o recebermos.

O povo diz que «burro velho não aprende línguas»; nós sabemos que os rapazes nesta idade, pelas escolhas que vão fazendo, só mudam de situação se encontram algo melhor no imediato. É isto que vamos ver se o Tiago percebe e experimenta connosco.

A sua chegada não passou despercebida. Logo um grupo de rapazes se abeirou dele e o juntou no seu meio, enquanto o levavam e lhe mostravam a nossa Casa. Um dos «cabecilhas» era o Paulo, até agora o mais novo em Casa. Era quase uma passagem de testemunho; para nós, um sinal de quem já se assumiu um dos nossos.

Pois o Tiago foi o mote das nossas palavras nos peditórios deste Verão. A ilustração do nosso ser para os rapazes desta

«classe». Foram diversas as portas a que a Segurança Social bateu para o receberem, mas todas permaneceram fechadas. No fim, a Casa do Gaiato; o «lixo» que todos rejeitam é a nossa riqueza. Hora feliz a nossa. Não trocava por nada tamanha consolação.

Foi sobre o local do Sacrifício onde se resgatam estas e todas as vidas, que o apaixonado de Cristo depositou a sua oferta. Contas felizes de coração ao Alto, não estão sujeitas à corrupção dos tempos. O Rejeitado passou rentinho...

Não sei de que experiências a sabedoria popular fez o ditado: «Bom filho à casa torna»; nem sei se é uma certeza ou uma probabilidade. Mas sei que o Daniel, de quem falamos no último GAIATO, voltou para nós.

Não sabemos o que se passa no coração do Rapaz; somente perscrutamos as suas lutas e os seus anseios; e o quanto é difícil para eles, intuir os caminhos do próprio bem.

Esta família que o criou desde tenra idade, uma vez mais olhou para dentro de si e verificou a verdade do seu ser. A esperança que enche o coração de quem se dá, encontrou novo alento e confiança para os passos a dar no canunho que ainda falta percorrer.

Padre Júlio

PRATICANDO O BEM

O melhor bem

FEZ ontem sete aninhos!

É uma criança meiga, viva e aparenta capacidades. O Rui veio de Lisboa pelo caminho normal da Casa do Gaiato.

É da rua e trouxe-o a pedido do Centro Paroquial de Olivais Sul.

Tudo regular dentro da anormalidade que é uma criança não ter família.

Chamo caminho normal porque o menino chegou ao que era seu — à Casa do Gaiato.

Este *do* é possessivo, não é determinativo. É a sua casa.

A Paróquia que o assumira na sua estrutura de serviço social, em tempos livres, vem pedir-nos que o aceitemos porque «ninguém faz nada dele».

A Obra, que pelo seu Fundador prega que «cada paróquia cuide dos seus Pobres», aparece, aqui, como suplemento das incapacidades da mesma comunidade cristã.

Mais ainda: Tem cá um irmão, nosso há quatro anos, o qual frequenta, com empenho, um curso de música, aqui, em Casa, e irá para o sétimo ano escolar no próximo Setembro.

Não se meteu nenhum gabinete de intervenção social, nenhuma comissão de Protecção de Menores, nem qualquer Tribunal. Nada daquilo que cheira a profano.

Continua da página 4

Malanje

Cogumelos

À medida que a civilização (dita ocidental) avança, nascem como cogumelos, necessidades sem conta. Estas, criadas pela mesma, para maiores lucros com a sua superprodução. Também de armas! — para jogarmos às guerrinhas que fazem fumo e escondem a cor da realidade.

Temos fome, temos doença e estamos desorganizados...

Os barcos de milho e óleo de soja não vão matar a nossa fome, dar-nos

saúde nem estabelecer a harmonia.

Ser solidário não é distribuir as sobras. Sim, tirar da nossa boca para a do irmão. Se milhões de seres humanos gastarem menos, os outros milhões terão que bastar.

Os países ricos são peritos em criar necessidades ao que chamam de «terceiro mundo»...

A propaganda e os agentes comerciais impingiram ao Francisco um automóvel usado. À noite mastiga uma sande, vai para casa e dorme no carro porque não tem um colchão.

A Helena comprou uma geleira. Nos primeiros dias foi um brilho! A seguir, com as prestações da dita, aumentaram as carências.

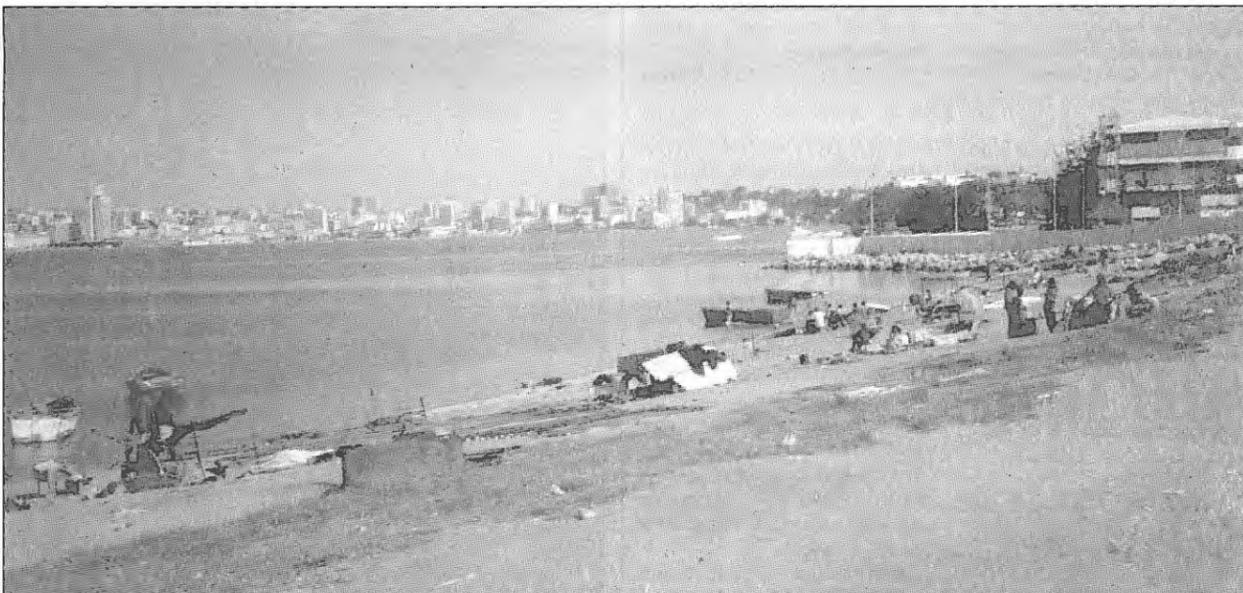
Há um trambolhão medonho entre o automóvel do Francisco e as suas necessidades reais...

A geleira da Helena está vazia... Há dias em que o salário mal dá para comprar água.

Não há mais espaço nas geleiras dos países ricos. Aqui estão vazias.

Os barcos de milho não resolvem... As raízes do problema são mais profundas; vão até ao coração do homem... Mesmo no âmago de cada cultura e em cada país.

Continua na página 3



Baía de Luanda. A austeridade e pobreza da praia em primeiro plano em contraste com os arranha-céus da Marginal, que deveriam significar ordem e prosperidade

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONGRESSO VICENTINO — Os Conselhos Centrais do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo organizam o Congresso Vicentino, a realizar em 26 e 27 de Outubro de 2002, subordinado ao tema «*Conferências Renovadas para um Mundo Diferente*». Solicitam a todas as Conferências da Diocese do Porto o preenchimento de um questionário, com o qual se pretende conhecer melhor as Conferências actuais, para identificar necessidades e possíveis caminhos de renovação.

Neste contexto, a colaboração de todos é imprescindível para a prossecução dos objectivos que pretendem atingir.

O questionário é anónimo e deve ser preenchido em reunião da Conferência com o consenso de todos os membros.

PARTILHA — Recebemos duzentos euros da assinante 57002, da Senhora da Hora, «*pequeno contributo referente aos meses de Junho e Julho que poderão distribuir como melhor entenderem. Vai um pouco atrasado, mas dado com muito carinho pelos nossos irmãos que lutam tantas vezes com enormes dificuldades e que esta pequena migalha poderá, de algum modo, ajudar. Peço uma oração por alma de meu marido*».

Mais quatrocentos e setenta euros da assinante 31104, de Lisboa, «*para os destinatários habituais. Escrevo um pouco mais tarde porque a saúde não me tem ajudado. Rezem por mim*».

Cinquenta euros, da assinante 64930, de Lisboa, «*agradeço a vossa fidelidade no envio d'O GAIATO, jornal que me tem ajudado a crescer na fé. Bem hajam. Jesus é o Senhor*».

Sessenta euros, do assinante 9790, de Perosinho (Gaia) «*com pequenina ajuda para todos os imigrantes em Portugal, para que sejam amparados e acarinados, de maneira a aliviá-los na sua situação de estrangeiros, longe das suas terras e dos seus. E que a paz e concórdia sejam sempre o seu lema*».

Salientamos a todos os leitores que as obras que temos feito são tão onerosas que não desejamos parar, por dificuldades... Muito gratos.

Júlio Mendes

MALANJE

TESTEMUNHO — Desde já agradeço por me terem cedido este espaço para publicar o meu testemunho.

É sinal de uma agradável e aceitável gratidão para com a

Casa, especialmente aos Padres Telmo e Custódio que, incansavelmente (para que a Obra seja cada vez mais Obra), fazem tudo para a levar sempre em frente.

Por vezes, é necessário pararmos e reflectirmos naquilo que a Casa do Gaiato fez por nós, desde as primeiras horas até ao preciso momento.

Em algumas ocasiões tenho-me perguntado: O que seria de mim se não fosse a Casa do Gaiato? É verdade que nem todos procedem da mesma maneira. Não quero exigir a ninguém que faça isso, mas, de uma forma ou de outra, daremos mais sentido à nossa vida. Caso contrário, e como se tem dito: «A nossa vida vai de patas p'ró ar».

A Casa do Gaiato é um lugar que, com tanto sacrifício, exige da nossa parte, nos podermos fazer homens capazes de enfrentar o amanhã. Padre Telmo, como qualquer pai de família, fica sentido quando os filhos têm possibilidades de singrar na vida e não aproveitam.

Há uma passagem que diz: «A maior dor de um pobre é desejar aquilo que não tem». Os nossos Padres fazem-nos lembrar que a Casa do Gaiato não é rica. Além do que temos cá, vivemos graças aos donativos das outras Casas, Associações e mesmo de algumas pessoas singulares. Atendendo à situação crítica por que o nosso País passou, vamos viver a nossa realidade e decidir pelas coisas com muita calma e prudência.

Estou na Casa do Gaiato há dez anos. Tinha onze anos quando vim para cá. Agora, tenho vinte. Terminei o décimo segundo ano no Instituto Médio de Saúde, na especialidade de Enfermagem Geral. Vou apanhar o voo mais alto para que possa dar sequência aos meus estudos. Com vista ao meu futuro, pretendo vir a ser médico. Pode ser um sonho, mas com todo o vigor espero concretizá-lo.

Recebam todos e com muita aceitabilidade um abraço bem forte deste vosso irmão, também gaiato, que sentiu a necessidade de dar o seu testemunho.

Afinal de contas somos filhos de um só pai: o nosso Pai Américo

Luís Alferes

UMA NOVA CAMINHADA — Pascoal José Sermão é a minha graça. Sou chamado trivialmente por Chaqui. Sou seminarista da Diocese de Malanje há cerca de seis anos. Neste preciso momento estou a fazer um estágio temporal na Casa do Gaiato da mesma parcela do País. Isto é, na província de Malanje.

É com imensa alegria que redijo este singelo artigo e o objectivo não é outro, senão partilhar convosco os passos até aqui trilhados e fulgurantes desta caminhada.

Cordialmente, nunca me tinha passado pela cabeça que o meu itinerário de formação incluiria a Casa do Gaiato, mas

RETALHOS DE VIDA

Orlando

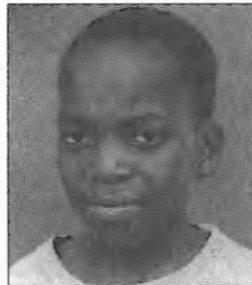
Sou o Orlando Armando Marnè, mais conhecido por Van-Damme. Nasci em 12 de Setembro de 1988.

Sou natural de Gaza. Entrei na Casa do Gaiato, depois de meu irmão ter vindo, em 13 de Agosto de 1996.

Motivos da minha vinda: Os meus pais abandonaram-me, deixando-me com o meu tio e a minha avó. Entretanto, o meu tio trouxe-me para a Casa do Gaiato de Maputo. E a nossa querida mãe Quitéria Paciência Torres recebeu-me com alegria.

Falando de desporto, sou fã do hóquei em patins. Quando for grande, não sei o que o destino me reserva, mas, na verdade, queria ser electrotécnico.

Orlando



também não foi difícil escolher um, dos três locais preferidos que me foram apresentados, de entre os quais, obviamente, a Casa do Gaiato. *Ipsa facto* o presente artigo está intitulado dessa maneira — *uma nova caminhada*.

A Aldeia do Gaiato dista, aproximadamente, dez quilómetros da Cidade. Em momentos remotos esta mesma Aldeia, era, para mim, um cen-

tro turístico. Mas, agora, mais do que um simples turista, ousou dizer que sou membro activo da mesma.

A ideia que tinha, antes de fazer parte desta magnífica comunidade, e por concomitância esta mesma ideia era partilhada em colóquios com outras pessoas, era que os rapazes da Obra da Rua, de Malanje, gaiatos e gaiatetes, eram pessoas más, usurárias, etc. Estando

com eles (como diz o ditado: «a experiência é a mãe do saber») vejo que a realidade é totalmente diferente. Mas também não nos escapa a possibilidade de que haja no nosso redil um ou mais rapazes que não deixam de andar na estroinice.

O novo caminho que estou a trilhar não é contundente, muito menos um osso duro de roer. Mas é uma tarefa que implica as virtudes que justamente se apreciam no convívio humano, como são: a bondade, a sinceridade, a fortaleza de alma e a constância, o cuidado assíduo da justiça, a delicadeza, etc. — que resumiria em «amor ao Próximo».

Já passaram cinco meses e digo que, se não tivesse apenas uma dessas virtudes mencionadas, seria muito difícil a convivência. Sem exagero, digo que até agora só tenho tido momentos jucundos, por este motivo dou graças sobre graças a Deus.

Aproveito o ensejo para reconhecer e louvar os Padres, Telmo e Custódio, pelo trabalho que têm feito para o bom andamento e engrandecimento da comunidade e, por conseguinte, para a formação dos rapazes. Não deixaria também de louvar e agradecer todos os Padres da Obra da Rua e todos aqueles que directa ou indirectamente trabalham em prol das Casas do Gaiato.

Chaqui

SETÚBAL

DOENTES — O Joãozinho estava de férias na nossa casa da Arrábida. Começou a ter dores de barriga e, como elas não passavam, foi levado ao hospital. Aí foi operado ao apêndice porque era necessário. Já voltou para Casa e encontra-se bem.

RAPAZ NOVO — Veio, para cá, um rapaz que se chama Tiago. Ele é alentejano e gosta muito de jogar a bola. Anda no grupo da ceifa e trabalha muito bem. Ele gosta de viver connosco.

VACARIA — No fim-de-semana passado nasceu uma vitela e um bezerro. Era melhor que nascessem à semana porque teríamos mais gente para ajudar as vacas a parir.

LIMPEZAS — Eu pertenço ao grupo das limpezas. No período em que não há aulas, pela manhã, levamos a roupa para a lavandaria, para ser lavada. Depois, com mais outro rapaz, varro o corredor. De seguida, o grupo todo, limpa a casa-de-banho de serviço. Ao meio dia a sineta toca para o almoço e vamos todos para o refeitório. De tarde, brincamos até às quatro horas e depois vamos arrancar erva e regar as plantas. Depois da merenda, tomamos banho na piscina.

Danilo Vezo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Já em tempos abordámos um problema da nossa Conferência. Neste momento, ela é constituída por quatro casais!

Será que não existem outros mais que disponham de um pouco de tempo para se dedicarem aos nossos irmãos mais necessitados? Perdem-se tantas horas, sentados a ver televisão que não traz proveito a ninguém! Pai Américo, lá no Céu, por certo que iria ficar muito contente com a nossa atitude. É que ele dava muita importância às nossas Conferências. Vejamos o que escreveu no livro *O Barredo*:

«*Eu acho que não há pedagogia mais santa do que esta de deixar que os rapazes das nossas Casas ardam e iluminem. A multidão dos nossos pecados cobre-se com a esmola dada a tempo e horas. Estes pequeninos grupos de vicentinos das nossas Casas do Tojal, de Miranda do Corvo e do Porto são a mão forte, lançada aos pobres naufragos do mundo. Pelas esmolos que dão, muitos destes naufragos se podem salvar.*

Há dias estava no Lar do Porto a inteirar-me do movimento da Conferência deles e disse ao assistente que fariam bem se mandassem imprimir cartões-vales, para assim, em vez de dinheiro, darem géneros aos seus Pobres. Mas o rapaz disse-me que não. Eles preferem ir comprar os géneros e, em casa, nas horas vagas, fazerem cartuchos. 'Nós queremos entregar pelas nossas mãos'.

Eu exulto de alegria interior por ouvir tamanha lição e aproveito este lugar e esta hora para transmitir aos interessados. Se ele é verdade que dentro das nossas Casas acontecem diariamente tantas coisas de lastimar, também é verdade que algumas vezes acontecem felizes compensações.»

Este texto diz-nos da alegria dele quando nos via e sentia ocupados com aqueles por quem tanto lutou, nos quais nós também estamos incluídos.

Pai Américo também escreve no mesmo livro: «*Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres*».

Nós que já conhecemos estas situações, não só porque as vivemos, mas também porque as sentimos, sabemos que assim é. Venham daí ser felizes como nós.

Durante este tempo de ausência da nossa crónica, continuámos a visitar os nossos amigos.

A nossa amiguinha da hemodialis, continua a definhar. Agora o filho mais velho já não está com ela. Assim ficou mais



Casamento do António José e da Cristina — Almada (Cristo-Rei), 19 de Maio 2002.

TRIBUNA DE COIMBRA

Pregar os Pobres à Igreja

NO Verão vamos por aí fora fazer os nossos peditórios. De modo algum está ultrapassado este modo de proceder. Para evitar que outros, caídos na vida ou escravos do engano, o façam, é que nós vamos. Pena é que não tenhamos tempo, ou a vida tão ocupada, não nos permita bater a mais portas... mais por amor de tantos que não terão outro caminho de entrar na Vida.

Este «ir» é também um «esgravatar» o pão de cada dia. E se não houvesse motivos mais altos, este seria um, imperioso. Mas há mais. O maior de todos: pregar o Evangelho de Jesus Cristo, esgueirados da janela dos Pobres. É uma graça estupenda que nos é concedida, a nós pecadores. Pregamos os Pobres à própria Igreja. Exaltar a pobreza que conduz à partilha dos

bens e dos corações, tantas vezes arrejada dos seguidores de Cristo e esquecidos os grandes mestres do Evangelho: «Fazei o bem irmãos, fazei o bem por amor de Deus».

Vamos com humildade e com fé. Sabemos que a abertura dos corações não depende senão da força da Palavra de Deus. Não vamos de modo algum dizer outra coisa que não seja a Palavra de Deus, vivida e amada nos Pobres. Aí, mais não fazemos que contemplar o Mistério de Deus, como Pai Américo nos ensinou a olhar com a vida e o coração: «O Padre Américo é um manietado como todos vós. Vai. Vai impelido. Cumpre o mandado. É Deus que escolhe a hora. Que escolhe o lugar. Que dá o toque. Que ajuda a realizar e termina a realização».

Vamos também para deixar uma

mensagem de confiança e uma interpeção a todos. A Caridade está acima de qualquer organização ou eficiência, orçamento ou estatística. Não precisamos sair da fronteira de uma simples paróquia para encontrar os Pobres nem organizar um «bodo» para que eles apareçam. O importante é ver o que se passa à nossa volta e dar o jeito que pudermos com a originalidade possível. Não alijemos culpas de mal-estar para o Estado que, muitas vezes, intervém de forma impessoal e fria, tolhendo o testemunho pessoal e fraterno que é timbre singular e secular da Igreja. Por aqui o sentido dos nossos peditórios: «Não deixem de aparecer... o vosso testemunho faz falta», temo-lo ouvido a alguns dos nossos bispos e padres, com entusiasmo. Pois iremos!

Padre João

Malanje

Continuação da página 1

Misericórdia

Senhor!

A Tua misericórdia

Cai como chuva

Na terra gretada e ansiosa

Como o olhar dos refugiados

Que pisaram matas, caminhos e estradas.

Vieram dos caminhos de longe

Rotos, transparentes,

De olhar tímido

E sem voz...

Os mais velhos foram ficando

Em covas mal cavadas!

As crianças: Rostinhos

Que foram sumindo

E as mães foram deixando!

E lá ficaram...

Num montinho de terra

Puseram montinho de pedra

E no carreio

Que já não sabem!

Não há orvalhos

E nos rostos sem idade

As lágrimas secaram...

Senhor, cobre o rosto

Com Tua mão

— Mas dá-nos a outra mão.

A Tua misericórdia

Dará fecundidade

Às poeiras dos caminhos!

Padre Telmo



João Pedro filho da Eva Cristina e Joaquim Teixeira

lia, mas só amigo. Ele tem família, mas diz que não quer ir para lá, porque se sente bem ali. Até aqui, esta mulher, de oitenta e três anos de idade, olhou sozinha pelo seu companheiro, tudo fazendo para que ele não acamasse. Era ela quem o tirava todos os dias da cama, para uma cadeira à cabeceira, onde ele tudo fazia.

Só esperamos que a senhora não tenha que olhar também pelo senhor que já vive há anos nesta casa. Ela já não tem força para isso. Ainda por cima, tem os seus netos, que nada fazem, mas é ela quem os sustenta.

Enfim, os Pobres a olhar pelos Pobres. Como diz Pai Américo n' *O Barredo*: «Façamos aqui um acto de Fé».

Olga e Valdemar

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

Um simples casamento tomou conta das minhas ideias. Não queria escrever até ao nosso próximo encontro. Não aguntei, telefonaram-me a pedir que desse notícias do mesmo.

O sacerdote falou das crianças abandonadas, de Pai Américo, da Obra da Rua e das Casas do Gaiato, sem mencionar os

nomes... Fiquei espantado!... No fim da cerimónia fui agradecer e saber da razão de não mencionar as personagens!... «Soube, na preparação pré-matrimonial, que a noiva tinha muitas afinidades com tamanha Obra, os meus parabéns...» Muito obrigado, senhor Padre.

A Obra da Rua, manhã cedo, com as palavras carinhosas de Padre Carlos, foi a primeira a felicitar os pais e os noivos pelo dia de festa; mais uma família que nasce, carinhosamente, nos braços de Pai Américo.

Padre Telmo também esteve presente, mais tarde, através de um telefone. Como foi bom ouvir a sua voz — parecia que estava ali ao lado.

O NOSSO ENCONTRO — Vamos para Azurara nos dias 14 e 15 de Setembro, são ordens do Quim Vieira; para quem não recebeu a carta fica esta mensagem familiar.

Manuel Fernandes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

NOVA DIRECÇÃO — Realizou-se, em 21 de Julho, aquando do nosso Encontro Anual, na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, a reunião que elegeu os novos corpos sociais da nossa Associação.

A lista eleita ficou assim ordenada:

DIRECÇÃO

Presidente, José António Teixeira Pires

vice-Presidente, Jorge Alvor «Eusébio»

Secretário, Júlio Fernandes «Régua»

Tesoureiro, António «Carpinteiro»

Vogais, Joaquim Mendes

Joaquim Gomes

Carlos Rebelo Gonçalves

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, José Lemos

Primeiro secretário, Valdemar Soares

Segundo secretário, Manuel Pinto

CONSELHO FISCAL

Presidente, Augusto Cunha Pinto Carlos

Secretário, Lourenço Martins

Relator, Júlio Mendes

Informamos que o contacto com a nossa Associação pode ser feito através do telemóvel 965 217 610, para falar directamente com o Presidente; ou pelo telefone 255 752 285 com o vice-Presidente.

Esperamos brevemente dar notícias do nosso trabalho. Até lá um bem haja a todos.

António Pires

DOCTRINA



CHEGOU finalmente a nossa Casa aquela hora por que há muito suspirava: Temos agora um pequenino com doença de categoria. É o Manuel Delfim. Anda na casa dos nove e já conheceu por dentro os cárceres do Porto! Deu-lhe numa perna uma grande dor e ficou a arder em febre. — *Ai, minha Mãe do Céu!* — gritava o inocente, mais grito de alma do que interjeição. Diz o médico que é um caso muito sério e para muitos meses. Está muito valorizada a nossa enfermaria provisória; tem agora a nossa Obra muito mais merecimento. O Pai Celeste visitou-nos!

SENHOR do Porto que me dá a enfermaria, honra-lhe seja. Já estamos nos alicerces. Ela fica pertinho da Capela que outro senhor do Porto me deu. São para mim dois santuários. Num, adoro Jesus, Hóstia-Viva. Noutro, hóstias vivas que são Jesus. O meu pequenino Delfim, ontem farrapo da montureira, é hoje a hóstia viva da Casa do Gaiato do Porto. É luz que vai alumiar e aquecer. Assim eu seja capaz de o servir como ele merece. Oh Mundo, que tanto necessitas de misericórdia, de misericórdia, de misericórdia! Só por ela te salvas. Só os misericordiosos ensinam.

TINHAM-ME dito que sim; que a Casa do Gaiato estava na lista; que o ministro chegava às nove e meia. E eu acreditei. Pois quem há que não acredite naquilo que muito deseja?! Preveni o mestre das obras. Mande abrir as janelas. Esperei. Precisamente às nove e trinta ouvi-se um golpe na campanha. Devia ser ele. É o ministro com certeza. Berro pelo «Tiroliro»: — Mexe-te. Depressa. As chaves. Era uma mulher que vinha buscar nabijas! Aquela mesma hora, ouvi-se o buzinar de automóveis do Estado pela estrada de Entre-os-Rios, velozmente, cruciantemente.

NAQUELA tarde aparece uma visita: o Padre Grilo, de Matosinhos. Subimos de braço-dado a avenida Duarte Pacheco. Conversámos das obras, dos rapazes, de coisas.

— Sim, meu padre; Deus quer as Suas obras cheias de confusão, de trabalhos, de dor. Sangue, suor, oração, são a argamassa divina das casas que se estão a levantar. É a sua cooperação. Despedimo-nos. Trazia muita paz. Deixou muita paz. A Paz do Senhor! Volte cá mais vezes, Padre Grilo.

FOI uma tarde de oração. *Prolixius orabat*. Pois muito bem. Isto deu-se em o dia 27 de Setembro de 1944. No dia 28, estava o ministro em Coimbra. No dia 29, despacha assim: «Autorizo a concessão de 150 contos — A. Cancela de Abreu». Na ordem sobrenatural, não há acasos; são tudo casos. Este é um. Em Fevereiro do ano corrente, houvera um outro despacho de 150 contos: «O fim eminentemente social da Obra, reconhecida em despacho ministerial de 28 de Abril findo, justifica que o Estado volte a dispensar o seu auxílio — Roberto Espregueira Mendes».

O despacho de 28 de Abril de 1943, de trezentos contos, saiu da pluma do Leão e diz assim: «O alto interesse social da Obra e os merecimentos que concorrem no homem que pede, justificam, de sobejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo, dispensando formalidades que embaraçam uma acção inspirada apenas em ideias de bondosa e pura solidariedade humana — Duarte Pacheco».

NÃO sei quem me há-de suceder; mas sei, sim, que se não houver a recta intenção de dar o sangue por amor destes pequeninos farrapos, ninguém nunca arrancará penadas ministeriais semelhantes a esta, ainda que se pinte da melhor política. Ninguém; nunca!

D. Amis. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

BENGUELA

Presente e futuro

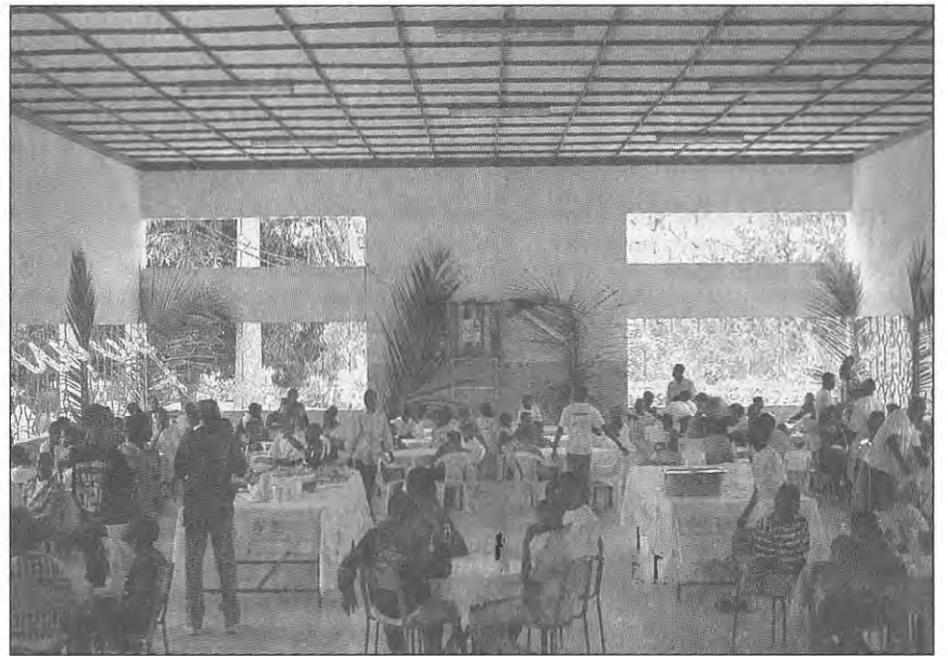
O nosso Centro Informático está em plena actividade. Foi uma oferta patrocinada pela Sonangol, a empresa nacional do petróleo. Com cinco computadores, em sala adequada a esse fim, o Centro tem sido a escola de algumas dezenas de rapazes. Tomam contacto, deste modo, com as novas tecnologias que os vão ajudar no futuro. Está à nossa medida.

A grande preocupação dos pais é o presente e o futuro dos filhos. A Casa do Gaiato quer dar a sua contribuição ao desenvolvimento de Angola, preparando os filhos que lhe foram confiados. Vieram do abandono. Não podem nem devem ser pesos mortos. As penitenciárias estão cheias de gente nova. Muitos não tiveram quem lhes desse a mão a tempo e horas. A sociedade, como está, gera monstros e criminosos. De inocentes que eram sentam-se, mais tarde, no banco dos réus.

Toda a gente que pensa e deseja sinceramente uma Angola renovada importa-se, sobremaneira, com a vadiagem infantil. A Casa do Gaiato quer ser para estes. É para eles que está a funcionar o nosso Centro Informático, nas horas livres doutras actividades. Quem orienta? É o José Luís, engenheiro electrotécnico de muita experiência, que decidiu consagrar inteiramente a sua

vida, por um tempo, ao serviço da Casa do Gaiato de Benguela. É uma doação incondicional, à maneira dos servidores do Evangelho e dos homens. Veio de Vila Nova de Gaia, Portugal. Tem sido, no meio de nós, a presença do grão de mostarda e do fermento evangélico, metido na terra da nossa vida e no meio da massa da nossa comunidade. Gasta a sua vida para que os outros tenham vida. Não se pertence. É todo para os outros. É a vivência do sacerdócio comum dos fieis. Quem dera a Casa do Gaiato mereça-o sempre!

Ao olhar à nossa volta fico a tremer diante da multidão de crianças e adolescentes, sem escola, passando o tempo na rua. Têm família, com certeza. Falta quem os encaminhe e os ajude a ocupar o seu tempo. A idade passa. Os hábitos bons não existem. A porta da marginalização está aberta. Sei que, na prática, é difícil ter resposta para este problema, pois faltam os meios. Mas faltam, sobretudo, pessoas com criatividade que é fruto de muito amor por esta causa. O futuro grande de Angola passa necessariamente pelas suas crianças e jovens de hoje. Um dos factores da paz social, no presente e no futuro, está na atenção a dar às crianças abandonadas, vulgarmente chamadas também crianças da rua.



Panorâmica do refeitório da Casa do Gaiato de Benguela.

Não há, contudo, motivo para desânimo. Temos um punhado de mães muito interessadas em que seus filhos aprendam. Elas mesmas querem aprender. Por essa razão, estão a funcionar quatro turmas de alfabetização. É um grupo pequeno no meio da multidão, é certo. Mas é um sinal positivo que fala da esperança que havemos de alimentar. Importa não cruzar os braços. O futuro está em nossas mãos também. Está nas vossas que nos têm ajudado. Obrigado!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Ando por esse Mundo sem norte nem programa, vivendo das tribulações de cada dia, sem se me dar do que hei-de comer nem do que hei-de vestir — para que o nosso bom Deus faça tudo e eu nada.

PAI AMÉRICO

CALVÁRIO

Flores e frutos

COM os rapazes já ocupados nas tarefas matinais, dirijo-me para o Calvário. Entro na copa da extensa ramada plenamente coberta pelas folhas das videiras. Em cada esteio granítico um cacho de rosas encarnadas trepa escondendo a pedra. Uma tentação para as mãos de quem passa.

Ao lado, no pomar, as macieiras já deram flores, mas de pouca duração. A razão do seu viver é outra. Enquanto as rosas duram e persistem como adorno e decoração, as flores das macieiras secam depressa, mas deixam o fruto que lentamente vai crescendo.

Hoje em dia a aparência, a ostentação dominam e impõem-se. Pouco importam os frutos. O aparato é que conta nas contas do nosso tempo.

É impressionante a preocupação geral com as aparências. É na casa, na viatura, no vestuário, na posição social, nas pessoas que se têm como amigos e até na igreja que se frequenta ou nos movimentos a que se pertence.

Todos querem parecer o que, na verdade, nem sempre são. Pouco importa que a verdade seja traçoada. Raros se empenham na vida em produzir frutos de bondade, de doação, de partilha. A educação nem sempre vai neste sentido; pelo contrário: caminha em sentido oposto orientando-se para o individualismo, para a apresentação sobranceira da própria pessoa.

Deixo a ramada e entro na sombra das tílias, saborosa e refrescante. Estou no Calvário. Subo ao pavilhão onde os doentes já aguardam o pequeno almoço.

O Carlos, de braços abertos, vem ter comigo e desfecha:

— Já está tudo pronto! Vem ver. — E puxa-me para junto de cada doente.

— E já fizeste a tua cama?

— Vou fazê-la agora.

Primeiro os outros, depois ele. Produzir frutos logo pela manhã é a preocupação primeira do Carlos. Quem dera que o fosse também para todos os homens.

Padre Baptista

Continuação da página 1

Tudo trabalho da Igreja. Somos uma Obra da Igreja ao serviço dos Pobres. Enquanto nos deixarem!...

O Rui diz palavrões a torto e a direito. Já os meus ouvidos se chocaram, várias vezes, e o meu coração se despedaçou! Uma criança tão pequenina!

Nem sabe o que pronuncia!

Aqui, a boca não fala da abundância do coração, exprime, sim, a afluência miserável que o envolveu.

Tenho-o encontrado às cavalitas dos mais velhos, dá e recebe carinho numa busca instintiva e sequiosa de afecto.

No Terço, à tardinha, enquanto os rapazes fazem dois coros, sentados nas escadarias graníticas e vizinhas da Capela e das Esco-

Praticando o Bem

las, o Rui adormeceu ao colo do «Gaiavota», chupando o dedo grande da mão direita!

Na Casa do Gaiato encontra um mar masculino imenso para nadar em ternura.

Estava na Capela, esta manhã, a rezar o breviário.

Ao lado do Altar a campa de Pai Américo!... Flores e velas!... Gente que ajoelha e beija a pedra tumular num culto espontâneo e limpo de quem ama!

Tudo beleza! Tudo elevação!...

Mas a melhor liturgia celebravam-na os dois irmãos, cá atrás, sentados num banco: — O Luís ensaiava o Salmo de Domingo tocando saxofone alto com a

estante musical à sua frente, o Rui admirava embevecido.

Como o Padre Américo, no Céu, se regalará com a honra destes meninos que preferiu e continua a amar!...

Como fazia anos, no fim do jantar, foi-lhe entregue um pequeno canastro de verga, decorado, cheio de guloseimas para comer e distribuir aos amigos.

Enquanto todos cantavam, esperando ver felicidade nos seus olhos inocentes e batiam palmas de alegria e comunhão, o Rui chorava, lágrimas abundantes e convulsivas, agarrado à barriga do irmão! Cenas cuja profundidade e comoção não me atrevo a descrever.

É a força da natureza pura! O Rui sentia a ausência da mãe para se agarrar e, como não tinha nenhuma, atirou-se àquele que andara também no mesmo ventre, procurando, ao menos, alguns resquícios de perfume natal!

Ó mulheres que vegetais, em vidas ilusórias, do mundo, mesmo no universo religioso, na esterilidade maternal, por vezes, não desejada, tendes nestes exemplos vivos e actuais um forte apelo à vossa entrega.

A Obra da Rua abre-vos um largo caminho e Jesus reserva-vos uma infinita recompensa!

É dos melhores bens que se podem realizar na terra.

Padre Acílio

Mauro e Wilson

Continuação da página 1

terem vivido na Família que somos quase toda a sua vida, tínhamos o direito de ser ouvidos e, antes, informados das condições em que eles vão viver, conforme o dito relatório social. Pelos vistos, se a Ditadura acabou, há ditaduras que permanecem. Poderes que ditam decisões na desconsideração plena de partes substancialmente envolvidas — no caso, em vidas inocentes e já tão sofridas que, uma vez mais, são jogadas à experiência. Durante seis meses os pequenos ficarão sob a

vigilância do IRS — diz a sentença. Depois haverá um relatório e se verá... Por amor do Mauro e do Wilson, Deus faça que haja por lá uma viragem de 180° e tudo corra bem, não só nos próximos seis meses, mas prometa com segurança o melhor para o futuro deles. Mas, se não...? Se no fundo do tubo de ensaio restar somente um precipitado?

Não foi por nossa mão que o Mauro e o Wilson foram entregues. Não há autoridade humana com legitimidade para violentar a consciência a um acto que assimilamos a largar duas crianças à beira do abismo. No

dia marcado, um bocadinho antes da hora, levámo-los a Penafiel, ao Instituto de Reinserção Social. e despedimo-nos em silêncio com um beijo.

Quem dera que este amargor chegasse ao gabinete da Senhora Ministra da Justiça. Há por lá, com certeza, gente boa e sensata e vivida que se debruce por inteiro sobre a vulnerabilidade das crianças; e repense as leis feitas para defesa delas; e as defenda, efectivamente, até ao limite do possível: de teorias, de caprichos malsãos e da imaturidade dos adultos.

Padre Carlos